

SOU HUMANO

Livro 125

Escritos do eu

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



SOU HUMANO

Sou humano de nascimento, tentam me transformar em máquina há muitos anos, me numeram como série, me identificam por números, me enquadram como mercadoria, me tratam como objeto. Sigo sendo humano, homem e não aceito depreciação por isso, encantado com as mulheres, me importo com o próximo, acredito na cooperação, invisto em virtudes, acolho valores, gosto de gente, me emociono com vigor, amo minha família. Choro, rio, gozo, rechaço, acolho, aprovo e provo, gosto humanamente.



OFERTAS DE OCASIÃO

Ofereço espaços para beijos e abraços, recebo flores e reconhecimentos, sentimentos, afetos, convites e prazeres com e sem direção. Tenho braços para acolhidas, gentilezas, palavras efêmeras e eternas, ternas e mornas, adequadas ao desejo.

ALENTO FERIDO

Com o alento ferido, aflito faço o que me resta: esperar para ver. As opções ausentes celebram vazios, os dados me furtam o futuro; o presente vencido revela forças exauridas. Abdica de ter últimas vontades.



DENTRO DO MEU ESPANTO

Guardo dentro do meu espanto alguma coisa que me faça recordar quem sou. Ressuscito meus sonhos. Reinvento-me a cada decepção para diminuir os danos. Resumidos os fracassos, clamo por algum armistício.



ALGUM RETORNO

Toda vez que se sonha é esperado algum retorno. Muitos sucumbem por falta de reverberação.

A CONTRAGOSTO

Nenhum de nós duvidava de que à medida que deixávamos de ser crianças deveríamos deixar de ser sinceros, ainda que a contragosto.



AGASALHO

Criam-se várias posições, disposições, predisposições, tornando inevitável um breve orgulho. Cria-se, assim, um estado de necessidade permanente que ainda que efêmero, por sua temporalidade não faz perder o farol que indica o caminho compatível com o bem-estar, com o código de cuidados, com o manual do agasalho.

UM SENTIMENTO NOBRE

Um sentimento nobre precisa da cordialidade da vida e do viver. Quando um colo que cuida e aconchega aceita desafios é porque por ali ronda a atração pertinente. Atiradas as ternuras sobre o corpo, tiradas as ternuras da alma, vertidas em cada espaço encontrado, sua assimilação instantânea prova a eloquência do portador e a sede daquele que a abriga.



ME DIVIDO

Me divido em mil afastamentos, enfrentando pessoas e reverenciando sombras deixando de tratar a vida como um assunto trágico, terminando com a arrogância de pensar que eu possa ser mais do que sou.

PROFUSA DOR

Ainda que se avolume uma profusa dor que me grifa um prostrado aperto invento crises de saudades e me paraliso em meio às dúvidas. Quero sair do molde que me aprisiona apropriado, renegado, profuso em desesperos, tentando elucidar um novo tempo que não me pertence, ainda que leve impresso na pele o amor como uma antiga e teimosa crença.



ALI ESTÁ O AMOR

Sabendo ser esse amor mais humano do que eu gostaria, fazendo os ares livres e as raízes mais profundas. O amor é assim, vive de festas e orgulhos, envolvem todos os terminais de sangue e de nervos, para em seu conjunto avisar que ali está.

AGRADÁVEIS SURPRESAS

Emoções selecionadas retornam depois de um período de desilusões. Temendo algo caótico, violento e imprevisível escolhem o anonimato que a ausência constrói, um erro que deveria ser corrigido. Aquelas emoções reivindicavam alguma experiência amorosa depois de tantos vícios. Desejos que o destino transformaria em surpresas.



PALAVRAS MECÂNICAS

Não quero palavras mecânicas, não quero a ordem linear inventada, não quero afetos domesticados, gozos contidos, respostas prontas. Prefiro sinônimos, criar metáforas impensadas, alegorias chocantes, frases que façam pensar, despertando afetos, amores e ódios que arranquem do lugar da fria indiferença a desumana e horrível omissão.

A COMPAIXÃO QUE SINTO

A compaixão que sinto cresceu. Perdi a vergonha de sentir a dor dos outros, de saber ocupar seu lugar, sua perplexidade, seu desconcerto, tenho um sentir mais amplo, abarcativo. Sinto, penso e escrevo sobre eles sem haver vivido o que eles viveram, sem sentir o que eles sentiram, faço minha as suas experiências, me apego ao que deles percebo, invento um personagem que os represento em mim, represento por eles, escrevo por eles, sinto por eles. Ampliei minha capacidade de identificar-me com os outros que tiveram menos oportunidades que eu.



PRAZER PASSADO

Choro o prazer passado que, ocioso, anda por aí forçando satisfações iguais. Passeia dia e noite como nuvem, rouba a paz, adocece os sentidos, vem e vai desgovernado, transportando recados esfriando minhas esperanças.

FALTA DE FÉ

As vias congestionadas de inutilidades e supérfluos, os véus considerados insanos e a desnudez feita incomparável virtude, a sorte com cartas marcadas e o pensamento moribundo recolhendo falsos teóricos e falsas práticas, as estranhas fortunas recém-nascidas. Enquanto isso curiosos cemitérios ecumênicos não enterram agnósticos acusando-lhes da falta de fé.



AMIZADES DE CONSUMO

Nunca vi tanta intimidade! Todos são íntimos, embora recém se conheçam; se abraçam, se beijam, falam da privacidade com soltura de velhos conhecidos, contam-se intimidades como se íntimos fossem, embora nem saibam seus nomes, intenções e interesses. Plantam como se todas as terras fossem férteis, colhem como se todas as plantas fossem medicamentos, trocam telefones, e-mails, e logo se falam como se amigos de

infância fossem. A amizade antes era morosa, levava um tempo enorme para se consolidar, se cobrava provas de amor assíduo. Hoje, ela é rápida, ágil e efêmera, de acordo com a conveniência dos tempos e das urgências. Se duradoura ou não, é outra questão que parece não interessar muito aos que a ela se rendem como um subproduto de consumo.



VÊM ATRAS DE MIM

Vêm atrás de mim estranhos desatinos. Não os reconheço meus, apesar de confirmada a autoria. Suspeito que me perseguem os esquecimentos combinados, uma escritura vencida, um livro que não é meu, uma pedra pesada esperando ser conduzida. Vêm atrás de mim um ouro que não me pertence, uma dívida de gratidão, um favor agregado e um agravo apegado.

VERDADES SÃO

Verídicas são aquelas coisas que me acontecem todos os dias, no lugar onde vivo, com quem vivo, nos sonhos que ponho em prática, no medo, na rota, no câmbio, nos direitos que me tiram, na insegurança em que me incluem.



PEÇA DE ESTIMAÇÃO

Sou quase uma peça de estimação, uma fala desautorizada, uma folga divertida, uma lição desgovernada, um dote vazio, uma advertência tardia. Sou quase uma promessa desvalida, um negócio falido, uma pedra vadia, uma esperança cansada, uma obra licenciosa, escura, cheia de ausências e de resto dos dias.

A MESMA ESPERANÇA

Atrevo-me a repetir a mesma esperança. Recomeço buscando humildades que aumentem a honestidade, vidros que valham tanto quanto cristais. De extremo a extremo, sigo sendo eu e a sombra fiéis às mesmas causas.



MUDAR TANTO

Poderá meu rosto mudar tanto? Indicar enganos notórios. Ser a novidade não reconhecida? Dar-me a condição do anonimato diante de olhares conhecidos? Podem se apagar as referências sem que nem os olhos nem a alma tenham atenuantes? Ninguém me suspeite ser quem por detrás disso tudo se imaterializa?

MINHA PORTA

Como irei me livrar do invasor que entra pela porta sempre aberta? Ainda que fosse vento ou um humor, alguém possui outra chave que não a minha? Será a força da razão algum ladrão de ocasião, alguma causa que vem me visitar à noite? Alguém cobrando justiça? Algum inconformado fantasma fingindo-se de vivo? Resisto a todas as condições, sem descobrir quem são esses desconhecidos.



PROMETO MANTER

Prometo manter nesses dias a festa para todos os que se aproximem do meu carinho.

DESAPEGOS E DESPEDIDAS

Com desapego me despeço das conquistas celebradas, das metas cumpridas. Para um coração que respira memória, há uma alma descompassada vagando doméstica, infeliz e sitiada.



TANTAS CULPAS

Um único perdão não anula tantas culpas. Não tenho guardado o silêncio como devia, não tenho remédios para estas causas. Valores são carregados propondo diferenças, correm como águas nos rios, sem volta. A pior das escolhas é a do desejo sem amor, entra matando prioridades ofende privacidades, enche o coração de ausências esta alma penada, cessando uma íntima homenagem.

GRAVES INSULTOS

Escondidos atrás da voz que manda, contam histórias longas, saídas das cinzas cobertas de homenagens. Inventam memórias. Tentando recuperar méritos vestem ao ultraje de gala, acusando as vítimas pelos graves insultos que as reduzem a mortos.



ACABAM EM FRACASSO

Haverei de seguir loucuras, ainda mais depois de que meus amores souberam algo. Reduzirei as ilusões, as melancolias, os rigores, as discordâncias que não me penetraram, os ódios destinados a serem traições.

ENTRE O MEDO E O AMOR

Entre o medo e o amor, tantas penas! Sou escravo das imaginações minhas.



VERSO VERAZ

Ainda espero que uma humilde sensibilidade me dê o ar da sua graça, que more ao lado, que me responda o pedido, que me faça um verso, que me abrace por semelhante, que exerça o rigor e contemple as minhas necessidades.

SOU TODOS OS AFETOS

Sou o conjunto de todos os afetos que me deram a conhecer. Alguns ficaram e me deram motivos para dispor das suas presenças. Outros se despediram errantes, desmotivados em permanecer.



ESCONDIDAS VONTADES

A lucidez toma conta da leitura, determina o texto, o sentir e a realidade. Tantos “nadas”, tantos “sem depois”,

ACOSTUMADO

Acostumado às palavras, me desconcerto com inesperados silêncios. Em vão marco, desmarco, insisto, incentivo, retiro o excesso e amadureço o dito necessário. O que não se diz faz falta, coisa rara saber o que é mar, amar, amargo, mito e mistério.



INCLEMÊNCIAS

A inclemência da idade acrescenta aos meus olhos um sulco e algumas inspirações. A cicatriz foi uma pedrada. A lágrima, lembrança de uma dor de amor que não foi a lugar nenhum, arrancada pela raiz.

EM DESUSO

Revisto todos os livros, todas as peles, os poemas guardados, as últimas forças, o vício de mentir por prazer. Atribuo meu silêncio a uma boa dose de prudência, ainda que eu saiba que meus versos caíram em desuso.



A FARRA DOS FINAIS

Uma visita entrou às pressas no meu momento. Amontoou planos ilusórios tentando me convencer da cura das feridas do amor sem ajuda de ninguém. Desencantos à parte, mesmo triste ainda sou feliz. O que parece ser sombra coloco na conta da experiência, o que faz parte da trégua alimenta os resultados, abrevia a farra dos finais.

TRANSPORTO SAUDADES

Transporto para o resto da vida saudades herdadas. As dores e as doces lembranças de um passado que não vivi. Contrariando a natureza, incorporo novidades, dou-me o direito da última palavra, dou-me uma trégua, me animo com o real desconhecido. Temporariamente me torno invisível para mim mesmo.



CORAÇÃO EM FUGA

Noto que meu coração anda batendo mais sensível, fugindo dos compassos, correndo antes de mim, mentindo regularidade, incendiado pelas ideias mais preciosas, medindo cada sentido, examinando cada estímulo, batendo fantasiado de qualquer coisa.

PONTUALMENTE

A vida não me deu tempo. Sinto-o deslizando permanentemente, abrindo e rasgando de súbito o futuro, expulsando a hora passada e apoderando-se da seguinte, pontualmente.



SEGUIDAMENTE

Seguidamente o espanto não me dá sossego.

Roberto Curi Hallal

